**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**

**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**

**CURSO DE LETRAS**

**THIAGO CASTRO VARGAS**

**UM NOVO JEITO DE OLHAR:**

**Como “The Witcher” pode ajudar os professores na formação de e dos leitores literários?**

**São Leopoldo**

**2020**

THIAGO CASTRO VARGAS

**UM NOVO JEITO DE OLHAR:**

**Como “The Witcher” pode ajudar os professores na formação de e dos leitores literários?**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Arendt

São Leopoldo

2020

Gostaria de dedicar este trabalho aos meus pais, José e Fátima, que desde sempre custearam a minha formação e me deram todo o apoio que precisei ao longo do tempo, inclusive quando decidi tomar o rumo da docência após quatro semestres de publicidade.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que nunca me abandonou mesmo quando eu o abandonei.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora, Dra. Isabel Cristina Arendt por, lá em 2017, ter topado o desafio de me orientar mesmo quando nem eu mesmo sabia o tema do trabalho. Agradeço-a, também, por ter me apoiado na loucura que essa jornada se tornou em meio a uma pandemia: foram inúmeras trocas de mensagem que puderam me acalmar e me dar confiança para seguir com o trabalho.

Quero agradecer, também, à coordenadora do Curso de Letras da Unisinos, Dra. Adila Beatriz Naud de Moura por, em um momento difícil como a pandemia de COVID-19, ter me ligado e garantido que tudo daria certo com o meu trabalho quando este seria suspenso.

 Agradeço, também, à Giulia, minha noiva, que esteve comigo nos momentos mais difíceis de realização deste trabalho, sempre me fazendo acreditar que eu era capaz de vencer o desafio a que me propus. A isso, somo as diversas noites conversando sobre a melhor escolha de obras para o trabalho.

Por fim, agradeço ao meu amigo, Matheus, por lá em 2015 ter me apresentado o jogo *The Witcher 3: Wild Hunt*, me proporcionando conhecer este universo que viria a compor meu trabalho de conclusão.

“Dê um trocado pro seu bruxo”

(Jaskier, o bardo)

 **RESUMO**

A literatura está em perigo. Anos atrás, Todorov (2008) havia nos alertado de que o hábito de ler corria perigo devido a forma como os professores trabalham a literatura em sala de aula. Fundamentado em Riter (2009) e Lajolo (2018), este trabalho consiste em uma pesquisa para encontrar qual a melhor forma de se ensinar a leitura literária. Foi realizada uma comparação entre os episódios da série de televisão *The Witcher* (2019) e dezesseis diferentes obras da literatura, passando por autores consagrados, como Agatha Christie, até autores nacionais, como Eduardo Spohr. Essa comparação teve como objetivo mostrar que é possível, sim, partir de um ponto de interesse dos jovens em outras mídias para apresentar e incentivar a leitura literária nos alunos de 14 a 17 anos. Esse olhar para outra mídia é motivado pela quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que revela que apenas 24% dos jovens de 14 a 17 anos haviam lido ao menos parte de um livro nos últimos três meses. E é reforçado por Duarte e Vier (2020), em sua afirmação de que precisamos encarar que algo não está correto na forma como a literatura é trabalhada nas escolas.

**Palavras-chave:** leitura literária, formação literária, critérios de escolha de obras

##  SUMÁRIO

|  |
| --- |
| **1 INTRODUÇÃO……………………………………………………………………………. 7**1.1JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**………………………………………...……….....** 8**2 POR QUE FAZER DIFERENTE?.......................................................................... 11**2.1METODOLOGIA**………………………………………………..……………………** 13**3 THE WITCHER E A LEITURA LITERÁRIA………………………………………… 15**3.1PRIMEIRO EPISÓDIO: O COMEÇO DO FIM**……………………….…………...** 163.2 SEGUNDO EPISÓDIO: APENAS QUATRO**…………………………………......** 18 |
|  3.3 TERCEIRO EPISÓDIO: LUA DA TRAIÇÃO**……………………………………..** 203.4 QUARTO EPISÓDIO: BANQUETES, BASTARDOS E FUNERAIS**……...…....** 223.5 QUINTO EPISÓDIO: DESEJOS REPRIMIDOS**………………………………….** 253.6 SEXTO EPISÓDIO: ESPÉCIES RARAS**………………………………………….** 293.7 SÉTIMO EPISÓDIO: ANTES DA QUEDA**………………………………………..** 31 3.8OITAVO EPISÓDIO: MUITO MAIS**………………………………………...…..….** 34**4 CONCLUSÃO……………………………………………………………………………** 37**REFERÊNCIAS……………………………………………………………………………** 39 |

**1 INTRODUÇÃO**

É possível afirmar que as narrativas fílmicas originadas de uma adaptação literária chamam a atenção do público. Alguns dos maiores sucessos econômicos dos últimos anos são originários das páginas dos livros ou revistas. *Game of Thrones* (adaptação da série de livros homônima, escrita por George R. R. Martin)*,* por exemplo, atingiu a marca de 17,4 milhões de espectadores na estreia de sua 8ª temporada; *Avengers: Endgame* (adaptação das histórias em quadrinhos da *Marvel Comics*, diversos autores) se tornou o longa metragem com a maior bilheteria da história do cinema, com cerca de 2.790,2 bilhões de dólares em receita.

Paralelamente a esse cenário, temos o alerta dado por Todorov (2008) de que, cada vez mais, as aulas de literatura estão sendo ministradas como se fossem aulas de física, ao passo que deveriam seguir o modelo das aulas de história. Ou seja, enquanto nós, professores de língua e literatura, deveríamos planejar aulas com foco no conteúdo, olhando primeiro para o livro, na verdade estamos apenas ensinando a forma, dando prioridade para as regras e modelos de cada movimento literário. Como consequência, cada vez menos temos formado leitores literários que realmente enxergam, na literatura, uma arte — ao invés da rigidez de uma disciplina escolar.

A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, revelou que apenas 24% dos jovens entre 14 e 17 anos que haviam lido ao menos parte de um livro durante os 3 meses anteriores à pesquisa o fizeram por gosto. Em contrapartida, 33% dos leitores, independentemente da idade, escolhem um livro pelo interesse e afinidade com o tema ou assunto. Para finalizar, 66% dos entrevistados afirmaram que usam o seu tempo livre para acessar a internet, ao passo que 51% diz assistir a filmes e vídeos quando sobra tempo na rotina.

A pesquisa revela um cenário imaginado por Todorov: cada vez menos pessoas escolhendo a literatura por gosto pessoal, escolhendo mídias mais dinâmicas como cinema e internet em detrimento da leitura.

Para mudar isso, existem diversas formas e metodologias de se trabalhar e incentivar os alunos a se tornarem, de fato, leitores literários, não sendo possível afirmar que existe uma só como correta ou como “a melhor”. A intenção do presente trabalho é, ligando as teorias estudadas no campo do cinema — como intermidialidade — e as estudadas nas letras, mais especificamente a formação do leitor literário, encontrar uma forma de ligar ambos os campos de estudo, através da análise comparada, para contribuir com a formação de leitores literários por meio de uma nova forma de escolher as obras a serem apresentadas para cada turma.

**1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

Olhando para a situação atual descrita anteriormente, percebe-se a necessidade de encontrar novas formas de ensino de literatura. Contudo, mais do que admitir essa necessidade, é preciso descobrir quais são essas formas.

O cinema e a internet surgem diante, justamente, dessa necessidade, como possíveis aliados no ensino da leitura literária. Por serem mídias de fácil consumo e acesso, as produções audiovisuais se tornam, rapidamente, tendência entre as gerações mais jovens. Para uma geração que é tomada pelo imediatismo, pela ansiedade e impaciência, assistir uma história completa em duas horas (ou em diferentes episódios de uma hora) é, muitas vezes, a única forma de acesso para a qual se mostrarão dispostos, como mostra a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, ao revelar a preferência de jovens de 14 a 17 anos por filmes em seu tempo livre.

É, portanto, levando em consideração esse histórico, que o presente trabalho tem como objetivo principal encontrar, por meio da relação entre cinema e literatura, um critério de escolha de obras literárias em sala de aula, tendo em vista a formação de leitores literários. Novas formas e caminhos costumam ser praticados, das mais diferentes maneiras, por professores em suas Salas de Aula, e um dos caminhos pode ser trabalhar as mídias audiovisuais, aqui restritas a cinema e televisão/serviços de streaming, para favorecer e despertar o interesse dos alunos.

O foco da pesquisa será as séries de televisão, mais especificamente *The Witcher* (2019), produção do serviço de streaming e estúdio estadunidense Netflix. A série foi escolhida por se tratar de uma adaptação literária, fruto da intermidialidade existente entre a série de livros *A Saga do Bruxo Geralt de Rivia,* escrita pelo polonês Andrzej Sapkowskia partir de 1993 e a obra audiovisual.

Há, naturalmente, uma diferença a ser considerada entre a obra escrita e a sua adaptação, porém é justamente essa diferença entre as mídias que permite as Transposições Midiáticas, termo utilizado pela pesquisadora alemã Irina Rajewski para definir as adaptações entre as mídias. Dessa definição se depreende outro possível projeto de pesquisa, a ser trabalhado futuramente, sobre a aceitação e resistência dos profissionais de literatura às adaptações literárias.

Considerando, então, a contextualização acima, os objetivos específicos do presente trabalho são:

* Contribuir com a formação de e dos leitores literários;
* Subsidiar os professores de Língua e Literatura com novas maneiras de escolha de textos literários;
* Mostrar que é possível estabelecer uma relação entre as produções audiovisuais e as obras literárias;
* Ampliar o leque de possibilidades de um professor de Língua e Literatura dentro de sala de aula, propondo, a partir das Produções Audiovisuais, um novo critério de escolha para obras literárias a serem trabalhadas em sala de aula.

Alguns pesquisadores, como o escritor Caio Riter, dedicam-se a entender como funciona a formação do leitor literário. É com base em seu estudo que o presente trabalho se propõe a auxiliar os professores de Língua e Literatura antes da entrada em sala de aula, mais especificamente no momento em que refletem e pensam sobre quais obras serão trabalhadas com cada turma.

Nas palavras das professoras Márcia Duarte e Sabrina Vier, “precisamos encarar que algo não está funcionando na forma como se tem trabalhado com a leitura literária nas escolas.” (2020, p. 3). É justamente essa falha na forma de se trabalhar leitura literária em sala de aula, aliada a dados como os trazidos pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que faz com que seja necessário ir atrás de novas possibilidades para a formação de leitores literários.

É importante ressaltar que o presente trabalho também pretende contribuir com uma discussão que constantemente é retomada na academia, como é o caso da Licenciatura em Letras da UNISINOS. Especialmente nas atividades acadêmicas de Literatura, além de Metodologia de Ensino de Língua e Literatura: Português estabelecemos discussões que resultaram, inclusive, em bons trabalhos de Conclusão de Curso. É o caso do trabalho da colega Daniela Britto, intitulado “A Relação entre Práticas Significativas e a Formação do Leitor Literário” (2017), cuja abordagem está relacionada com a forma como as práticas pedagógicas contribuem para a formação de leitores literários em sala de aula.

As conclusões alcançadas ao final da análise servirão para colaborar com a discussão promovida durante a formação de docentes. O diálogo desse estudo com outras pesquisas é importante para buscar sempre a melhor forma de incentivar a leitura literária.

**2 POR QUE FAZER DIFERENTE?**

Ao mencionar Ítalo Calvino, Caio Riter dialoga com o autor, explicando sobre o papel do espaço escolar:

O escritor italiano fala que ler é um ato de liberdade, mas para quem já é leitor, para quem já foi formado pela escola como leitor. Ou seja, o espaço escolar é o lugar da experimentação e esta se dá à medida que o aluno é desafiado a ler textos que passaram pelo critério de qualidade do professor e/ou que atendem a algum objetivo, cuja realização se faz necessária. (RITER, 2009, p.56)

Posteriormente, afirma também que “[...] a escola deve propiciar a qualificação desse leitor, possibilitando que ele possa, na interação com a palavra literária, crescer como pessoa” (RITER, 2009, p.63). Seguindo a linha de raciocínio acima, é possível dizer que o espaço escolar possui um papel fundamental na formação e qualificação do leitor literário.

A linha de pensamento de Riter vai, de certa forma, ao encontro da demonstrada pelo escritor búlgaro Tzvetan Todorov, que expressa e expõe a “morte” da literatura em função da forma como é trabalhada nas escolas. Segundo esse autor,

[...] essa mesma escolha se apresenta para a literatura; e a orientação atual desse ensino, tal como ela se reflete nos programas, vai toda no sentido do “estudo da disciplina” (como na física), ao passo que poderíamos ter preferido nos orientar para o “estudo do objeto” (como na história). [...] Ao entrar no ensino médio, devo em primeiro lugar conseguir “dominar o essencial das noções de gênero e registro”, assim como as “situações de enunciação. [...] Sem pretender denegrir essas disciplinas, podemos nos perguntar: será necessário fazer dessa abordagem a principal matéria estudada na escola? (TODOROV, 1939, p.28)

Nota-se que, mesmo fazendo mais de 80 anos de sua escrita, o excerto acima continua sendo perfeitamente cabível aos dias atuais. É no perigo de “matarmos” a literatura que precisamos encontrar novas formas de trabalhar e se faz necessária uma reinvenção de cada profissional da literatura.

Marisa Lajolo, em seu livro “Literatura. Ontem, Hoje, Amanhã” (2018) propõe a discussão para a pergunta “o que é literatura?”. A autora questiona o termo “clássico” e afirma que “a literatura vai bem, obrigada, está vivinha da silva, e até manda lembranças… Mas ela mudou. Mudou muito. Mudou de cara, de endereço e até de família. E tem quem não a reconheça no novo endereço [...]”

No livro de Lajolo, é questionado, também, se música popular é poesia. Ítalo Moriconi, em seu livro “Como e porque ler a Poesia Brasileira do século XX” (Ed. Objetiva, 2002), afirma que “estamos vivendo uma nova era lírica” (p. 24). No primeiro capítulo, o autor discorre sobre a relação intrínseca entre a música popular e a poesia, afirmando em diversos momentos que as canções são, também, poesia.

É possível levantar um paralelo entre os dois autores, que afirmam, cada um com sua própria maneira, que a literatura está mudando e, muitas vezes, os professores, principais responsáveis pelo ensino da literatura no país, não acompanham tais mudanças. Para que os temores de Todorov não se confirmem, e a literatura acabe “morrendo”, é necessário que haja uma reinvenção na forma como os professores de língua e literatura trabalham essa questão dentro de sala de aula.

Riter afirma que, por meio de uma responsabilidade transferida (e aceita) a ela pela sociedade, é dever da escola propiciar a qualificação dos leitores, tornando os alunos capazes de

[...] na interação com a palavra literária, crescer como pessoa, à medida que atua criticamente sobre o texto, sendo capaz de se transformar e de transformar a realidade que o cerca, atuando de forma cidadã. Ler não apenas pelo ato de ler, mas ler com a consciência do que significa ler. (RITER, 2009, P.63).

Como complemento para sua fala, Riter elenca oito “características que os bons textos literários possuem” (2009, p.64). São eles:

1. Uso não utilitário da linguagem: palavras usadas como inovação; construção estética de frases; uso de imagens (metáforas, metonímias, aliterações,...); uso de rimas, de musicalidade, de ritmo; presença de humor.
2. Vivência imaginativa: textos que provoquem o leitor na construção de mundos imaginários, que possam fazê-lo pensar sobre o mundo em que vive.
3. Independência de referentes reais, de forma direta: o real representado dá conta de uma realidade possível, que atiça a fantasia, que faz com que o leitor se pergunte sobre a possibilidade de tal história, de tais acontecimentos.
4. Formação de um mundo possível, que possui lacunas, preenchidas pelo leitor de acordo com suas experiências: texto aberto, que promova uma interação maior entre leitor e texto. As histórias fechadinhas (e há tantas para crianças e adolescentes, como se seus escritores julgassem que estes públicos são incapazes de agregar valores e sentidos aos textos) abundam nas salas de aula, visto que não oferecem riscos às interpretações.
5. Plurissignificação: textos que possibilitem o diálogo entre aqueles que o leem, que possibilitem variados caminhos de interpretação.
6. Reserva de vida paralela: livros em que o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade.
7. Captura o leitor: ampliação das fronteiras existenciais sem oferecer os riscos da aventura real.
8. Pressupõe a participação ativa do leitor: não basta decodificar o que está escrito, o texto exige posicionamentos interpretativos. (RITER, 2009, p.64-65)

Dando força ao argumento trazido pelo autor gaúcho, a Base Nacional Comum Curricular traz, em sua área de Linguagens e Tecnologias no Ensino Médio, a competência específica 6, que diz o seguinte:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (Base Nacional Comum Curricular).

A partir da leitura da competência acima, podemos perceber que a própria BNCC, que rege as matrizes curriculares de ensino fundamental e médio no Brasil, também se preocupa com a formação de indivíduos capazes de compreender e ampliar a sua participação na sociedade a partir de diferentes produções culturais.

Visando ampliar a participação social dos alunos, é necessário que o professor procure aquilo que a BNCC chama de “diferentes linguagens e práticas culturais”. É a partir da relação com outras linguagens, como a empregada em séries de televisão, por exemplo, que é possível se aproximar dos jovens.

A comparação entre episódios de uma série e obras literárias realizada no presente estudo também contribui para que seja possível estimular uma melhor interpretação crítica dos alunos para com a realidade e o meio onde estão inseridos.

Marc Prensky (2001) já afirmava, 19 anos atrás, que os alunos não são mais os mesmos. Fazendo a separação entre Nativos Digitais, aqueles que nasceram rodeados de videogames, televisão, internet, mensagens instantâneas, e os Imigrantes Digitais, aqueles que tiveram, ao longo da vida, que se adaptar às novas tecnologias. O escritor popularizou os termos e afirma que um dos problemas de sala de aula é a insistência do professor imigrante digital em ministrar aulas que não são interessantes a uma geração acostumada com tantos estímulos e velocidade. Assim, o período na escola acaba sendo desinteressante para os Nativos Digitais.

É na necessidade de encontrar uma nova forma de conseguir e manter o interesse dos alunos e a fim de não perder espaço para outras mídias, que a formação de leitores literários pode olhar para essas mídias e enxergá-las como aliadas.

**2.1 METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos pretendidos, será realizado um estudo a fim de relacionar os temas de cada episódio a uma obra literária semelhante, valendo-se da comparação entre ambas.

A análise será feita em dois passos:

* Após assistir todos os episódios (8) da série *The Witcher* produzida pela Netflix, elencarei os elementos e temas centrais de cada um;
* Em seguida, farei uma análise dos elementos encontrados, a fim de destacar obras literárias semelhantes a cada um.

Para a escolha de cada obra, foram definidos dois critérios a serem seguidos. São eles:

* A obra deve fazer parte da bagagem literária do pesquisador, ou seja, deve ser um texto literário conhecido e lido por mim em algum momento da vida;
* Deve preencher no mínimo dois critérios dentre os oito elencados por Caio Riter (são eles: uso não utilitário da linguagem; vivência imaginativa, Independência de referentes reais, de forma direta; formação de um mundo possível, que possui lacunas, preenchidas pelo leitor de acordo com suas experiências; plurissignificação; reserva de vida paralela; captura o leitor; pressupõe a participação ativa do leitor).

Em cada subcapítulo, constará a descrição do episódio, bem como o detalhamento de um dos pontos principais trabalhados no mesmo. A partir desse levantamento, será apresentado um texto literário, com um breve resumo e comentários sobre a sua relação com o ponto detalhado anteriormente. Por fim, será explicado como a obra escolhida preenche os requisitos apresentados por Riter.

Da mesma forma que o incentivo à leitura literária é ponto chave para a execução desse trabalho, parece haver ainda uma grande preocupação dos professores de ensino médio com os processos seletivos que seus alunos eventualmente farão.

Apesar de não ser o foco dessa pesquisa, para mostrar que o critério de escolha de obras também pode funcionar para resolver este problema, após a análise de cada episódio e posterior relação com uma obra visando à leitura literária, será feita, também, uma relação entre algum elemento do episódio e uma obra que consta na seguinte lista de leituras obrigatórias: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Processo Seletivo 2019.

Caio Riter afirma ser fundamental que o professor estabeleça critérios claros para a escolha dos textos apresentados aos alunos. Ao final da análise, é esperado que uma nova possibilidade de critério seja apresentada, a fim de promover o incentivo à formação de e dos leitores literários.

**3 THE WITCHER E A LEITURA LITERÁRIA**

A produção estadunidense *The Witcher* (2019) é uma série produzida pelo serviço de *streaming* por assinatura Netflix. A obra é baseada nos livros do polonês Andrzej Sapkowski, que já foram adaptados anteriormente para uma trilogia de jogos eletrônicos homônima à produção de 2019.

Um dos motivos que levaram à escolha da série foi a popularidade dos jogos eletrônicos, que tiveram seu auge em 2015, com a premiação de *GOTY (Game of the Year)* para o terceiro e último jogo da franquia. A popularidade gerou uma grande expectativa pelo lançamento da série, o que levou a sua temporada de estreia a ser a primeira temporada mais assistida da história do serviço.

 A discussão que permeia o presente trabalho se estabelece entre a leitura literária e a possibilidade de estimulá-la por meio de uma relação com a série *The Witcher*. Para isso, é importante estabelecer o conceito de leitor literário antes de efetivamente analisar os episódios.

 Para Cosson (2011), “o letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz”. É justamente essa habilidade de perguntar ao texto que buscamos estimular nos alunos com os critérios encontrados durante o processo de pesquisa.

 Portanto, podemos afirmar que o leitor literário é aquele que lê um texto, independentemente de qual suporte esteja disponibilizado, e é capaz de produzir sentido nele, interpretando o que foi escrito de acordo com sua própria bagagem.

Apropriando-nos de uma colocação de Cosson (2011), em que ele afirma que “colocar a Chapeuzinho Vermelho debaixo da cama por não saber depois explicar o porquê dela sair viva da barriga do lobo não é a solução”, queremos estimular justamente isso, que os alunos sejam capazes de dizer por qual motivo ela estava na barriga do lobo.

 Quanto à forma de se trabalhar essas relações em Sala de Aula, os caminhos possíveis a serem percorridos são inúmeros — tudo depende do professor. Entretanto, também não é o foco do presente trabalho discutir a metodologia adotada, mas sim levantar essa discussão para com os professores de língua e literatura, munindo-os de recursos para que possam incentivar a leitura literária.

**3.1 PRIMEIRO EPISÓDIO: O COMEÇO DO FIM**

Para que seja possível o início da análise, se faz necessária uma contextualização sobre o objeto de pesquisa. Por isso, parte-se da sinopse da Netflix sobre o episódio: “Ao chegar à cidade de Blaviken, Geralt encontra pessoas hostis e um mago esperto. O mundo de Ciri vira de pernas para o ar quando Nilfgaard se prepara para atacar Cintra. (2019)”.

No episódio, somos apresentados pela primeira vez ao bruxo Geralt de Rivia e ao mundo que é chamado apenas de O Continente. No universo literário de fantasia criado pelo autor Andrzej Sapkowski, posteriormente adaptado para *games*e televisão, os bruxos são seres humanos considerados mutantes — na sua maioria raptados quando criança e treinados à exaustão até se tornarem especialistas em caçar e matar monstros.

 Esses treinamentos e características fazem com que, na maioria das vezes, essas personagens sejam solitárias ou andem apenas entre seus iguais. Isso se dá pelo fato de os seres humanos “comuns”, isto é, aqueles que não passaram pelo mesmo treinamento que Geralt e os outros bruxos, terem medo de suas capacidades. Esse medo acaba, por sua vez, se transformando em sentimentos negativos, expressados normalmente por meio de hostilidade contra os bruxos.

 Voltando ao primeiro episódio da série, “O começo do fim”, podemos perceber logo nas primeiras cenas a forma como Geralt, recém chegado à cidade de Blaviken, é tratado na taverna pelos moradores da cidade. Na sua maioria, pedindo para que ele fosse embora, pois julgavam que ali (Blaviken) não era o lugar dele.

 Após esta cena, uma mulher chamada Renfri acalma os ânimos na taverna e se torna amiga do protagonista. Ao final do episódio, ela trai Geralt, que se vê obrigado a matá-la.

 Paralelamente à história do bruxo, acompanhamos também como Nilfgaard, um exército inimigo, invade Cintra — um dos principais reinos do Continente. Após a morte da rainha Calanthe, sua neta e herdeira, Ciri, foge para encontrar Geralt.

 Diante de todo esse cenário, é possível afirmar que o tema principal que permeia o primeiro episódio é o preconceito, manifestado nele pelo medo/raiva que as pessoas têm para com os bruxos. É em função do preconceito sofrido que Geralt passa a confiar em Renfri e, posteriormente, acaba sendo traído, gerando todo o enredo do episódio.

 Dando vistas à análise comparada entre o episódio e um livro de literatura infanto-juvenil, é possível estabelecer uma relação temática com o livro “A Rainha Vermelha” (AVEYARD, 2015). Nesta obra, também de literatura fantástica, somos apresentados a um mundo dividido entre as pessoas que possuem sangue vermelho e as que possuem prateado.

 A diferença entre os dois tipos de pessoa é, basicamente, poderes que os “prateados”, como é conhecida a elite de sangue prateado, possuem enquanto aos “vermelhos”, a outra parcela da população, cabe apenas as posições e cargos sociais de servos ou camponeses — justamente por não possuírem habilidades especiais.

 Não é difícil fazer uma rápida ligação entre o mundo de Geralt de Rivia e o de Mare Barrow, a protagonista de Victoria Aveyard. Em ambos os casos, podem andar tranquilamente apenas entre os seus semelhantes. O racismo, mesmo que não seja o foco principal dos autores, é um tema que está presente de maneira recorrente durante as obras.

 Sob a ótica de Riter, para um texto literário ser considerado bom, ele precisa ter oito características, já relacionadas no capítulo 2. Como validador para a qualidade das obras sugeridas nesse e nos próximos capítulos, essas características serão utilizadas para avaliá-las.

 É importante ressaltar que, de forma alguma, o uso e estudo dos oito itens estabelecidos pelo autor não simbolizam um engessamento do critério proposto neste trabalho. Pelo contrário, a lista serve muito mais como um guia para a leitura literária, não como um mandante — afinal o ponto mais importante, de fato, para a escolha de um texto literário é o conhecimento prévio do professor sobre a obra.

 A primeira característica elencada por Riter é o uso não utilitário da linguagem. Na obra de Aveyard é possível encontrar usos até então não vistos para repensar a forma como outros são vistos. No caso, os termos “vermelho” e “prateado” são utilizados fora do significado semântico tradicional (cores), para diferenciar e segregar pessoas. Além de ser um uso não comum das palavras, também pode levar o leitor a se perguntar qual o impacto de diferenciar pessoas reais por cores. O que leva, naturalmente, à segunda característica, vivência imaginativa, que pede pela construção de um mundo imaginário, propondo reflexões sobre o mundo real.

Ao estabelecer um universo independente, a autora atende simultaneamente a outros dois critérios: a independência de referentes reais e a formação de um mundo possível. Nesse universo, as informações da narrativa estão bem fechadas, porém existem outras inúmeras lacunas abertas, esperando apenas pelas mentes criativas dos leitores para que sejam completadas. Sem jamais tirar o papel do leitor de co-autor da obra, a história segue por um caminho para que se mostre atrativa ao leitor, sendo uma possível motivação a mais para a leitura literária.

 As demais características — plurissignificação, reserva de vida paralela, capturar o leitor e pressupor a participação ativa do leitor — também se mostram presentes em diferentes aspectos da obra, como no fato de ser possível desvendar os mistérios e resolver os problemas antes mesmo da protagonista — o que atende simultaneamente as quatro características.

Na lista de leituras obrigatórias da UFRGS de 2019, constava o livro Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Além de ser considerada a primeira obra escrita por uma mulher no Brasil, também possui grandes características abolicionistas. Tratando de um tema como a escravidão, a associação com o preconceito sofrido por Geralt no episódio — a ponto de ser agredido por ser quem é — pode ser feita de forma natural pelo professor ao escolher as obras a serem trabalhadas em sala de aula.

**3.2 SEGUNDO EPISÓDIO: APENAS QUATRO**

Mantendo a lógica utilizada no subcapítulo anterior, iniciamos com a sinopse do episódio disponibilizado pela Netflix, que diz: “Yennefer descobre um jeito de fugir de uma agressão. Geralt vai até o inferno para caçar um demônio. Ciri é acolhida por um grupo”.

 O foco do episódio é a história de Yennefer, uma mulher deformada e corcunda. Nele, acompanhamos brevemente a trajetória da personagem que foi vendida por seu pai adotivo para uma misteriosa mulher, Tissaia de Vries, após criar acidentalmente um portal até Aretuza, uma escola de feitiçaria comandada por sua futura dona.

 Por ter manifestado poder sobre o chamado Caos, explicado na mitologia da saga como a força mística que está em permanente conflito com a Ordem, Yennefer chama a atenção de Tissaia, que começa a treiná-la para que se torne uma feiticeira poderosa. Nos livros escritos por Andrzej, de fato ela se torna uma das mais fortes feiticeiras, tendo papel importante na trama de Geralt, com quem vem a desenvolver um romance.

 Durante o episódio, embora existam outras tramas paralelas, claramente o tema mais trabalhado é o aprendizado de magia — assunto comum na literatura fantástica. Somos apresentados à forma como Tissaia ensina Yennefer e as outras aprendizes a controlarem seus poderes. Após uma tentativa de suicídio, a feiticeira iniciante perde muito sangue e, por isso, não consegue evoluir no mesmo ritmo que as outras personagens. No entanto, durante uma das lições, ao tentar prender um relâmpago em uma garrafa, Yennefer fracassa novamente e, em um ataque de fúria, ataca sua mestre com o relâmpago. Durante a finalização da cena, Tissaia explica que é parecida com a feiticeira — com dificuldade para controlar as próprias emoções — e que, por isso, acredita no potencial dela.

 Ao traçar uma análise comparada com as obras da literatura, é possível estabelecer facilmente uma relação com “Mago: Aprendiz” (FEIST, 2013). As semelhanças temáticas não ficam apenas na óbvia ligação entre as personagens Yennefer, feiticeira aprendiz em *The Witcher* e Pug, o mago aprendiz que dá título à obra de Feist.

 Assim como o universo criado por Sapkwoski e, posteriormente, adaptado por [Tomasz Bagiński](https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk03MMb3d2c7tGUZ43W4mDbpFh1ymUw:1590013483025&q=Tomasz+Bagi%C5%84ski&stick=H4sIAAAAAAAAAONgVuLUz9U3SC43Typ_xGjCLfDyxz1hKe1Ja05eY1Tl4grOyC93zSvJLKkUEudig7J4pbi5ELp4FrEKhOTnJhZXKTglpmcebSnOzgQAcrZLb1cAAAA&sxsrf=ALeKk03MMb3d2c7tGUZ43W4mDbpFh1ymUw:1590013483025) para a televisão, Mago: Aprendiz é uma obra de literatura fantástica, ambientada em um universo povoado por criaturas características desse gênero: elfos, anões, humanos, elfos-negros.

 Além disso, o início da trama é semelhante, com Yennefer e Pug sendo de origem humilde, sem muita perspectiva de mudar de vida e que, por acaso, se tornam usuários iniciantes de magia. Um dos pontos que mais relaciona ambas as obras é o fato de que, considerando apenas a exibição do segundo episódio aos alunos, não é possível saber qual a trajetória da feiticeira. No decorrer do livro de Feist, acompanhamos Pug em sua jornada desde quando era um aprendiz que, mesmo sabendo a teoria, era incapaz de canalizar e utilizar magia até ser raptado e, no último capítulo, retornar como o mais poderoso dos magos.

 Essa relação entre a jornada completa de Pug e a incompleta de Yennefer se torna, também, uma possibilidade para instigar a curiosidade e posterior leitura literária dos alunos.

 Analisando a partir da ótica de Riter, Mago: Aprendiz possui o que o autor chama de “uso não utilitário da linguagem”. Tal constatação é possível, pois o livro pode ser descrito como a descrição de um mundo. Diferentemente de outras obras literárias, a proposta de Feist era mostrar que Midkemia, a terra onde se passa a história, é viva e independe da aventura de Pug. Isso representa um rompimento com o tradicional jeito de escrever literatura, contando uma história. A linguagem da obra é utilizada para criar um mundo verossímil, que se sustenta por si só — se fosse para conferir um papel ao leitor, seria o de viajante, clássico personagem da literatura fantástica que apenas viaja de um lugar a outro, observando e conhecendo as diferenças culturais.

 Ao se arriscar por um caminho não convencional em seu livro, Feist não abre mão, entretanto, do que Riter chama de plurissignificação. Como se tornou tradicional em obras do gênero desde o lançamento de O Senhor dos Anéis, em 1954, por J. R. R. Tolkien, cada aspecto do livro conversa de forma diferente com cada leitor. O próprio momento inicial da história, quando o mago Kulgan escolhe Pug como aprendiz, trabalha isso, com 5 possibilidades de carreira para cada futuro aprendiz — é natural que cada leitor, com base em seu próprio repertório, tenha preferência por uma carreira diferente. Com isso, a obra cumpre seu papel de, além da socialização, fazer o questionamento individual de cada leitor, possibilitando indagações e decisões diferentes no caminho.

 Apesar de ter escolhido o aprendizado de magia como tema deste subcapítulo, existem outros pontos que podem ser observados para a escolha de uma obra presente na lista de leituras obrigatórias da UFRGS 2019 a ser trabalhada em sala de aula. Um deles é, justamente, o tratamento que Yennefer recebe dos outros moradores de sua casa ao início do episódio, além da forma como é retratada a mudança de vida entre a fazenda e a academia de Tissaia.

É possível, assim, traçar um paralelo entre a vida de Yennefer e a vida de Macabéa, protagonista de “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, que teve uma vida difícil no nordeste e, assim como ocorre com a aprendiz de feiticeira na série, se muda para outro lugar, de melhores condições — neste caso, o Rio de Janeiro.

**3.3 TERCEIRO EPISÓDIO: LUA DA TRAIÇÃO**

 Vale ressaltar, de início, que esse episódio não é recomendado de se passar em sala de aula, devido ao seu alto teor de nudez e violência explícita.

 Na sinopse oficial, lemos que “Geralt aceita terminar o trabalho de outro bruxo em um reino aterrorizado por uma criatura feroz. Yennefer paga um preço alto por seu futuro na magia.”

 A tal “criatura feroz” é uma estrige. Um monstro feroz que, um dia, já foi uma mulher — transformada por uma maldição. Na história referente ao episódio, o rei Foltest de Teméria engravida a própria irmã, gerando ciúmes em um cortesão que era apaixonado por ela. Ele, então, banha-se em sangue de um cordeiro e amaldiçoa Adda, a filha de Foltest que ainda estava sendo gestada, por engano — o alvo primário era o rei. Anos depois, a estrige que tomou o lugar de Adda segue matando os moradores de Teméria, sem que o seu rei dê explicações sobre o que causa tanta matança — na verdade, os cidadãos do reino são levados a acreditar que é uma espécie de lobisomem que os aterroriza — com a chegada de Geralt, a situação muda e a maldição é quebrada.

Após todo o arco envolvendo a noite que o bruxo passa na cripta com o monstro, o rei Foltest dá os créditos pelo feito ao agora falecido cortesão, mantendo a narrativa de um lobisomem. Paralelamente a essa história, desenrola-se mais uma parte da trama de Yennefer, que está próxima de sua formatura em Aretusa. Por tradição, após formadas, as feiticeiras são enviadas pelo Conselho para serem conselheiras de um dos reis do Continente.

No entanto, após o amante de Yennefer contar a seu superior que ela tem ¼ de sangue élfico, ela fica proibida de ser enviada até o reino onde nasceu, já que o governante dele odeia elfos. A feiticeira, então, abre mão de sua fertilidade para fazer uma cirurgia mágica para corrigir suas deformidades e, com isso, conquistar a atenção do Rei de Aedirn.

O tema mais recorrente ao longo de todo o episódio é a mentira e suas consequências — seja na imagem do rei Foltest não dizendo a verdade para seu povo ou na figura do cortesão mentindo ao rei, fingindo que não sabia a origem da maldição.

Da mesma forma, ao buscar na literatura uma correspondência temática, a mentira encontra-se muito presente no livro “Carta de amor aos mortos” (DELLAIRA, 2014). Na obra, as irmãs May e Laurel são retratadas como melhores amigas e, quando a mais velha começa a sair com um homem mais velho, as mentiras de ambas para os pais causam a morte de May.

Em uma trama que a personagem principal, Laurel, percorre uma jornada de autoconhecimento e aceitação da realidade, a leitura se torna interessante devido à forma inovadora como a linguagem é usada para contar a história: apenas por meio de cartas.

Em alguns pontos, no entanto, a obra diverge das características apresentadas por Riter. Em especial, a chamada independência de referentes reais, que não existe devido à necessidade de o leitor conhecer Kurt Cobain, Amy Winehouse, River Phoenix, Judy Garland e todas as outras personalidades já falecidas a quem Laurel escreve suas cartas.

Mesmo assim, o livro de Dellaira preenche todos os outros pontos levantados pelo pesquisador gaúcho. A escrita e a narrativa ocorrem de forma que é possível o leitor interagir com a história, desvendar o motivo da escolha do destinatário de cada carta e tentar entender o que de fato ocorreu com May.

O suicídio da garota, em frente à irmã mais nova, após ter passado pelos abusos e traumas psicológicos retratados na obra, confere uma carga dramática à história — que passa a ter um novo significado em cada carta. O impacto e a mensagem do fato acabam por trazer questionamentos ao leitor: teria outro caminho além do suicídio? O que aconteceria se as irmãs não tivessem mentido aos pais?; e todas as outras perguntas que, por sua vez, compõem a finalização da história, dando um novo papel a quem lê.

Olhando novamente para a lista de leituras obrigatórias da UFRGS de 2019, aparentemente, também não há relação entre Hamlet, de William Shakespeare, e o tema apresentado neste subcapítulo. No entanto, assim como Geralt tem que lidar com uma criatura sobrenatural, o príncipe Hamlet, o protagonista da obra homônima, também se vê em apuros ao encontrar o fantasma de seu falecido pai, o rei.

Outro paralelo possível de ser traçado é a traição que Hamlet descobre por parte de seu tio e a mentira contada pelo rei Foltest ao final do episódio.

**3.4 QUARTO EPISÓDIO: BANQUETES, BASTARDOS E FUNERAIS**

“Geralt vai com Jaskier a um baile real. Ciri entra em uma floresta encantada. Yennefer se esforça para proteger duas pessoas.”, diz a sinopse oficial do episódio na Netflix. Novamente dividido em três tramas diferentes, a de Geralt pode ser considerada a mais essencial para entender a série.

Pavetta, a filha da rainha de Cintra, Calanthe, ganha um baile de noivado. Na tradição do universo criado por Andrzej Sapkowski, é por meio dessa festa que o futuro marido da princesa seria escolhido. Esse, no entanto, é o primeiro ponto importante para a série: no primeiro episódio, durante o arco de Ciri, vemos a queda de Cintra (e morte de Calanthe) perante um exército inimigo — percebemos, então, que as três histórias não se passam ao mesmo tempo.

Geralt foi ao casamento como guarda costas de Jaskier, o bardo que é seu amigo, porém, não esperava que a Lei da Surpresa fosse invocada. No reino de Cintra, ao salvar alguém, um cidadão pode exigir direito a algo que nem a pessoa salva tem noção ainda — saberá apenas após o seu retorno para casa. O problema, no entanto, é que Duny, o cavaleiro que invade a festa, foi amaldiçoado ainda criança, sendo obrigado a viver até a meia-noite com um rosto de ouriço.

O misterioso cavaleiro revela que, quando mais novo, salvou a vida de Roegner, pai de Pavetta e rei de Cintra. Como recompensa, solicitou direito à Lei da Surpresa. Calanthe, ao saber disso, manda que os demais pretendentes da princesa assassinem Duny. Geralt, devido ao seu código de honra e justiça, resolve salvá-lo.

Ao final desse arco, a rainha finalmente concorda com o casamento entre Pavetta e Duny, que, após a cerimônia, consegue ter a maldição quebrada. Como agradecimento, o cavaleiro exige que o bruxo cobre algo como pagamento, para não ficar em dívida. Geralt, com muita relutância, escolhe a mesma recompensa do gora, membro da família real de Cintra — o direito à Lei da Surpresa. Quase que instantaneamente após o pedido, Pavetta descobre estar grávida de Ciri — selando assim o destino da garota e do bruxo.

Em outro arco desenvolvido durante o episódio, vemos Yennefer escoltando a rainha Kalis de Lyria e sua filha recém nascida. Na carroça onde as três estão, a feiticeira revela que está no reino há 30 anos — ou seja, tivemos um salto de tempo entre o episódio 3 e o episódio 4 na história de Yennefer.

O veículo, então, é atacado por um assassino a mando do marido de Kalis, que a julgava incapaz de dar a ele um herdeiro homem. Graças à feiticeira, elas conseguem fugir se utilizando de portais para viajar entre lugares diferentes do Continente. A rainha, no entanto, estava sendo rastreada — o que fez com que elas fossem seguidas onde quer que fossem.

Ao ficar sozinha após Yennefer desaparecer, a regente de Lyria é alcançada pelo assassino, que a mata. Ao tentar também dar fim à vida da criança, a feiticeira retorna, conseguindo impedir o vilão. Entretanto, no processo de fuga para outro lugar, o bebê também acaba falecendo.

Por fim, no último arco desenvolvido, temos novamente a confirmação de que Calanthe, a rainha de Cintra, está viva. Um grupo de invasores, liderados por uma feiticeira — que podemos reconhecer como uma das colegas de Yennefer em Aretusa —, encontra o corpo dela e o utiliza para encontrar Ciri.

A princesa, no entanto, está na Floresta de Brokilon, um lugar proibido para os humanos mal intencionados e que se tornou um refúgio natural para algumas espécies. Lá, Ciri é confrontada com o passado de sua avó, descobrindo que a rainha de Cintra ordenou o assassinato de todos os elfos.

Embora relativamente curtos, os arcos da feiticeira e da princesa são fundamentais para entender e ter certeza da diferença temporal existente entre cada uma das histórias.

Ao analisar o episódio, é possível afirmar que o tema principal dele é um casamento — representado pelo noivado de Pavetta. É graças ao foco dado na cerimônia que conseguimos captar informações cruciais para o entendimento da série. É em função da Lei da Surpresa que uma das protagonistas, tanto da série, quanto dos jogos, quanto dos livros, nasce.

Paralelamente a isso, o casamento de Kalis de Lyria também é abordado durante o episódio. Após a morte da rainha e sua filha, Yennefer começa a dialogar com o cadáver do bebê e refletir sobre o papel da mulher nos casamentos da época.

O livro “Dançando sobre cacos de vidro” (HANCOCK, 2013), aborda o mesmo tema. Escrito por uma psicanalista, a obra trata da história de Mickey Chandler, diagnosticado com transtorno bipolar, e sua esposa Lucy Houston, que perdeu a mãe para o câncer de mama e agora luta para vencer o próprio câncer.

A trama explora o momento de imunidade de Lucy — durante 5 anos após ser curada do câncer, ela permanece em observação para evitar que a doença volte. Nesse momento, ela e o marido criam uma lista de regras para manter o casamento saudável, levando em consideração todos os problemas de cada um. Entre os termos estão: a proibição de Mickey usar a própria doença para conseguir o que quer, fingindo estar em surto, e, a mais importante, o acordo mútuo de não terem filhos — para evitar que a criança nasça em um ambiente familiar complicado.

 O ponto central da história são duas notícias que culminam em uma escolha. Durante uma consulta de rotina, Lucy descobre que o câncer voltou. Ao mesmo tempo, descobre estar grávida. O casal, a partir desse momento, começa a divergir sobre um ponto: a quimioterapia.

 Se optarem pelo tratamento químico, perdem a criança. Se optarem pela criança, após 9 meses sem os devidos cuidados, a morte de Lucy é praticamente certa. Mickey escolhe a vida da esposa. Ela, no entanto, decide manter a gravidez. Ao longo de todo o período gestacional, acompanhamos como o casal lida com toda essa pressão e, em especial, como a bipolaridade de Mickey se manifesta.

 Embora trate de temas delicados, a obra faz isso de forma leve. A leitura não se torna pesada e, o mais importante, não é necessária uma bagagem grande como leitor. Por ser psicanalista, a autora consegue retratar muito bem a realidade de como cada personagem agiria, facilitando a leitura para leitores menos experientes.

 Aquilo que Riter chama de plurissignificação é, provavelmente, uma das características fundamentais da obra. A autora não se propõe em momento nenhum a fazer julgamento de valor, apenas ocupa o seu papel de contar os acontecimentos. Isso faz com que diferentes leitores interpretem a história de diferentes formas. Os pontos de decisão dos personagens, como manter a gravidez, trazem à tona muito mais que uma questão literária — é possível levantar questionamentos que façam sentido se comparados ao mundo em que vivemos.

 Ao falarmos do uso não utilitário da linguagem citado por Riter, é possível dizer que a autora se utiliza de um gênero narrativo para contar uma história de forma que pareça, de fato, alguém expondo sua vida no divã. O recurso do texto em primeira pessoa possibilita essa interação.

 No que se refere à lista da UFRGS de 2019, podemos associar o episódio à obra Diário da Queda, de Michel Laub, é uma obra que traz a história de três gerações da mesma família. Muito parecidas entre si, a forma como o tempo é narrado na história pode ser associada à própria passagem do tempo na série.

 O episódio, além do casamento de Pavetta, também se preocupa em mostrar ao espectador que as três histórias acompanhadas não ocorrem ao mesmo tempo. Na obra de Michel Laub, embora não seja o foco principal, também podemos assumir que a história das três gerações traz um teor diferente à história.

**3.5 QUINTO EPISÓDIO: DESEJOS REPRIMIDOS**

Na sinopse oficial da Netflix, lemos que “Apesar dos avisos, Yennefer tenta recuperar aquilo que perdeu. Sem querer, Geralt põe Jaskier em perigo. As buscas por Ciri se intensificam.” Vale ressaltar, novamente, que esse episódio não é recomendado de se passar em sala de aula, devido ao seu alto teor de nudez e cenas com muita violência.

 O episódio começa com o exército invasor de Cintra contratando um *doppler*, uma criatura fantástica capaz de assumir a aparência e memórias de qualquer pessoa, para se passar por Mousesack, o druída em quem Ciri confia. A intenção é conseguir entrar na Floresta de Brokilon e raptar a princesa.

 Na jornada de Geralt, acompanhamos o reencontro com Jaskier após muito tempo sem se verem. A busca por um *djinn*, uma espécie de gênio que realiza três desejos, faz com que o bardo sofra uma infecção mágica na garganta. Para salvar o amigo, o bruxo vai até uma aldeia próxima em busca de um curandeiro, que o informa que a única forma de impedir a morte de Jaskier é com magia.

 Pela primeira vez, então, vemos o encontro de duas das três histórias acompanhadas na série. Geralt vai ao encontro de Yennefer, indicada pelo curandeiro.

A feiticeira está na residência do prefeito da aldeia, usando seus poderes para garantir uma vida economicamente estável durante sua busca por reverter o feitiço que a impede de ser mãe. No entanto, Tissaia de Vries, a reitora de Aretusa, aparece para Yennefer, alertando-a de que estão atrás dela após abandonar a corte do rei de Aedirn — o que acarretou na morte dele. Sem dar ouvidos à antiga mestre, a feiticeira permanece na aldeia para alcançar seus objetivos e obter mais poder.

É no meio desse cenário conturbado que Geralt encontra Yennefer, que salva Jaskier e força o bruxo a se vingar por ela. Ao saber que se tratava de um *djinn*, a feiticeira pretende usar o último desejo do bardo e aprisionar o gênio em seu próprio corpo, a fim de conseguir todo o poder dele para si.

Após uma noite sendo controlado por Yennefer, Geralt acorda na prisão e descobre que vai ser executado. No entanto, ao ser espancado por um carcereiro, ele deseja que o agressor exploda — o que, de fato, acontece. Assim, o bruxo descobre que o detentor dos desejos é ele, não o bardo.

No quarto de Yennefer, Jaskier acorda e a feiticeira inicia o ritual para prender o *djinn* em seu próprio corpo. Como os desejos ainda não haviam sido completamente utilizados, a criatura consegue resistir à magia — fazendo com que Geralt vá ajudar.

Ao usar o último pedido, no entanto, o gênio sai furioso e destroi boa parte do quarto. Yennefer consegue usar sua magia e se transporta, junto com Geralt, até o salão de festas da residência. No salão, eles se entregam à atração física que sentiram um pelo outro desde que se viram.

Finalizando o episódio, vemos o *doppler*, se passando por Mousesack, entrando na Floresta de Brokilon e convencendo a princesa Ciri a sair dela.

Embora seja um episódio com menos acontecimentos que os demais, focado na interação de Geralt e Yennefer, ainda há um tema central. A ambição por poder demonstrada pela feiticeira acarreta nos principais desdobramentos vistos. É em função da vontade de se tornar mais poderosa que Yennefer acaba, acidentalmente, liberando o gênio em seu quarto, quase custando a própria vida. Também é pela ambição que vemos o exército invasor de Cintra indo atrás de Ciri para raptá-la.

Na literatura, o livro “A Batalha do Apocalipse” (SPOHR, 2010) trata, entre diversos temas, sobre uma disputa política entre os anjos. Na obra, acompanhamos a história da humanidade sobre a ótica dos seres celestiais que, após Yaweh (Deus) descansar no 7º dia — segundo o mito católico da criação —, ficaram responsáveis por guiar os seres humanos.

A liderança dos céus ficou dividida entre os cinco arcanjos: Miguel, Gabriel, Lúcifer, Uriel e Rafael. A trama conta a história de Ablon, um general querubim que agia sob o comando dos arcanjos e se rebelou contra as chacinas ordenadas por seus superiores.

A trama política acontece quando, após milênios exilado na Terra, Ablon é chamado para uma reunião com Lúcifer, no Sheol (Inferno). É durante essa reunião que ficamos conhecendo todo o cenário político formado após o exílio do general. Lúcifer havia traído Miguel, tentando tomar o controle dos céus, e sido exilado ao Sheol; Gabriel percebera as crueldades cometidas contra a humanidade e organizou uma resistência; Rafael estava desaparecido há séculos e Uriel estava morto.

No meio de uma guerra e um confronto político, Ablon é convocado pelos dois exércitos rebeldes (Lúcifer e Gabriel) para destituir Miguel. Os objetivos principais de Lúcifer eram, na verdade, dominar os céus e se tornar o mais poderoso dos arcanjos — ao passo que Gabriel queria, apenas, manter a humanidade estável, como Yaweh desejava.

 O primeiro ponto a se destacar na narrativa é, também, o primeiro ponto de Riter, o uso da linguagem. Se valendo do conteúdo de sua narrativa, o autor constrói a escrita de forma não linear — de certa forma, semelhante ao que acontece na série da Netflix. Como Ablon está na Terra há milhares de anos, os capítulos alternam entre o passado — mostrando diversos momentos e mitos da história humana, como a Torre de Babel, a China Antiga e o Nascimento de Jesus Cristo — e o presente, com a guerra e movimentos políticos.

 A estratégia utilizada pelo autor para que a leitura não se tornasse maçante mostra uma criatividade no uso da linguagem, organizando suas ideias de forma a instigar o leitor sem cansá-lo. É, praticamente, como se fosse uma antologia de contos: cada conjunto de capítulos forma uma história fechada, uma parte da vida de Ablon; mas, ao mesmo tempo, todos os “contos” formam uma única narrativa.

 A história criada por Eduardo Spohr é repleta de plurissignificação, já que reinventa diversos mitos e, com isso, abre espaço para diferentes interpretações dos leitores. Em especial, o final do livro deixa aberta uma lacuna: ao vencer Miguel e ver o universo inteiro destruído, Ablon gira a roda do tempo e vive sua vida; com isso, Miguel voltou à vida? A guerra se manteve? Para quando ele voltou?. Todas essas possibilidades fazem com que, cada vez que um leitor releia a obra, um significado diferente seja dado — tudo depende dos elementos captados.

 Por fim, é possível afirmar que a obra possui, como um grande diferencial, o que Riter chama de independência de referentes reais, de forma direta. Como nenhuma mitologia, seja ela egípcia, nórdica, católica, budista ou qualquer outra, tem menos valor que as outras, coexistindo na mesma história, a hipótese de tudo ser real permanece, em função de se tratar de temas que muitos acreditam.

 A semelhança entre este episódio e a obra “O Continente”, também presente na lista de leituras da UFRGS 2019, de Érico Veríssimo, vai muito além do nome do continente onde se passa a série *The Witcher*. Há no episódio uma forte trama em volta da busca de Yennefer por poder. É nesse ponto que reside a semelhança com a obra de Érico Veríssimo.

Como “O Continente” retrata mais de 150 anos da história do Rio Grande do Sul, somos expostos em diversos momentos às guerras históricas do estado, motivadas sempre por uma disputa e busca por poder. Foi assim, por exemplo, que o Capitão Rodrigo Cambará foi morto, em uma disputa durante a Revolução Farroupilha.

 **3.6 SEXTO EPISÓDIO: ESPÉCIES RARAS**

 “Um homem misterioso tenta convencer Geralt a caçar um dragão feroz, e isso atrai uma pessoa conhecida. Ciri não sabe em quem pode confiar.”. Essa é a sinopse oficial do episódio na Netflix.

 A trama começa com Geralt de Rivia em uma missão para matar um monstro na companhia de Jaskier. Ao concluir sua tarefa, conhece Borch, um homem desconhecido e, aparentemente, muito rico que quer recrutar o bruxo para uma caçada a um dragão que ameaça a cidade.

 Jaskier se anima com a possibilidade, mas Geralt resiste em aceitar a proposta — ele afirma que dragões são raros e que não os caça, pois a ameaça são os humanos, não os dragões. Ao ser indagado sobre a missão, Borch afirma que foi autorizada uma caçada e que quatro comitivas foram formadas, mas só explica três: a dos anões, a sua própria e a dos rachadores.

 A opinião de Geralt quanto a não participar da caçada muda quando descobre quem faz parte da última comitiva: Yennefer de Vengerberg. A feiticeira, porém, estava acompanhada de um cavaleiro que era seu par romântico no momento.

 No dia seguinte, a jornada dos quatro grupos começa com a missão de subir a montanha onde o ninho do dragão se encontrava. Ao tentar impressionar as companheiras de Borch, Tea e Vea, o bardo Jaskier sai da trilha e encontra, por acidente, um Hirikka — criatura pacífica e que estava faminta. Mesmo avisado de que o monstro era inofensivo, o cavaleiro companheiro de Yennefer corta a cabeça dele, usando a carne para que todas as comitivas jantassem naquele dia.

 Ao sofrer de problemas estomacais por comer a carne do Hirikka, o cavaleiro sai para fazer suas necessidades e é assassinado durante a noite. Com isso, após uma conversa sobre o objetivo de ambos na caçada e os sentimentos de cada um, Yennefer se junta ao grupo de Geralt.

 Os anões conhecem um atalho até o covil do dragão mas, no caminho, Borch, Tea e Vea se sacrificam para que Jaskier, Yennefer e Geralt sigam em frente. Durante a noite, o bruxo e a feiticeira conversam novamente sobre seus sentimentos. Ela revela que quer sua fertilidade de volta porque quer se sentir importante para alguém, o que nunca sentiu durante sua vida. Nesse momento, Geralt afirma que as coisas mudaram depois de conhecê-la e que, sim, ela é importante para ele.

Após o amanhecer, o casal percebe que o grupo dos anões partiu sozinho atrás do dragão. Os dois então saem correndo para impedi-los. Ao chegar no covil, encontram Tea e Vea vivas protegendo o corpo morto de uma fêmea de dragão e seu ovo.

Um dragão dourado chega, revelando ser Borch em sua verdadeira forma. A intenção dele sempre foi pedir a ajuda de Geralt para proteger o seu ovo. Nesse momento, os rachadores chegam e acontece uma batalha pela proteção do ovo.

Após o fim dos rachadores, Borch, já em sua forma humana, entrega os dentes do dragão morto para os anões reivindicarem a recompensa pela caçada. Ele também revela à Yennefer que Geralt a salvou do *djinn* gastando seu último desejo. A feiticeira, no entanto, julga que todos os seus sentimentos pelo bruxo são oriundos de magia e nada é real, saindo furiosa. Como consequência, Geralt briga com Jaskier, acusando-o de sempre atrapalhar sua vida, como no casamento e com o *djinn*.

Já no arco de Ciri, a princesa e seu amigo Dara descobrem que aquele não é o verdadeiro Mousesack. O doppler então ataca a menina, que é salva pelo elfo ao colocar uma faca de prata no pescoço deste. Ao se recuperar, a criatura nocauteia Dara, o que dá tempo para Ciri fugir. Quando finalmente se reencontra com o amigo, a princesa briga com o elfo, que se afasta da menina para não morrer, alegando que ela sempre o coloca em perigo.

Sentimentos acabam por se tornar a pauta principal do episódio. É somente em função do que sente por Yennefer que Geralt concorda em participar da caçada ao dragão. O desenrolar da história amorosa entre os dois toma a atenção durante o episódio, quase deixando a missão original em segundo plano.

Analisando o episódio e comparando-o com as obras da literatura, é possível estabelecer uma relação com o livro “The Kiss of Deception” (PEARSON, 2016). Nele, a protagonista, Princesa Lia, se vê obrigada a confrontar os próprios sentimentos ao fugir do casamento que seus pais tinham arranjado com um príncipe de outro reino. Quando a notícia se espalha, dois homens vão atrás dela: o seu ex-noivo e um assassino.

 Quando ambos a encontram, um triângulo amoroso é sugerido entre eles, e ela se vê diante dos próprios sentimentos para entender o que se passa. A grande sacada da obra é que nenhum dos dois (Assassino e Príncipe) se apresenta para ela, apenas dizem o próprio nome, Kaden e Rafe. Assim como a princesa não sabe quem é quem, o leitor também não descobre até perto do final.

 A linguagem escolhida pela autora é parte integrante da obra — e, como pede Riter, não utilitária. Como o livro é totalmente narrado em primeira pessoa, quando os dois homens são os protagonistas do capítulo, eles nunca referem-se um ao outro pelo nome, e o título do capítulo é sempre Assassino ou Príncipe. O mistério da identidade de ambos é compartilhado por Lia com os leitores.

 O mundo em que a história se passa é característico da literatura fantástica, sendo um universo vivo, que é passível de preenchimentos e ressignificados pelo leitor. Isso quer dizer que, independentemente da história acompanhada, tudo o que foi criado pela autora é orgânico o suficiente para existir.

 O grande diferencial do livro é, sem dúvidas, o mistério já comentado e a forma como foi construído. As diversas interpretações possíveis até o momento da revelação fazem com que os julgamentos e opiniões de cada leitor sejam diferentes, não formando uma história fechada mas, praticamente, uma jornada que acontece em tempo real enquanto se lê a obra.

 A capacidade de captar e manter a atenção do leitor está presente desde o estabelecimento do mistério e, com isso, se torna uma ótima porta de entrada para a leitura literária.

 Assim como os sentimentos de Yennefer e Geralt são pauta principal no sexto episódio, é possível dizer que a obra “A máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe, também gira em torno dos sentimentos de Antônio Jorge da Silva após perder a sua esposa.

 A história da obra se desenrola a partir da morte da esposa de Silva, o qual é então colocado aos 84 anos pela própria filha para morar em um asilo. Lá, ele é confrontado com os próprios sentimentos ao sofrer pela morte da mulher. Um senhor amargurado pela morte da esposa nos é apresentado na história, que precisa superar a dor e não deixar suas faculdades mentais acabarem.

**3.7 SÉTIMO EPISÓDIO: ANTES DA QUEDA**

Iniciando novamente a análise com a sinopse oficial da Netflix, que diz “Nilfgaard está cada vez mais forte, e o continente corre perigo. Yennefer remexe seu passado. Geralt muda de ideia em relação à Lei da Surpresa”, começamos a nos encaminhar para o fechamento da temporada — e vários dos temas anteriores são revisitados.

O episódio começa com a volta de Geralt à Cintra, aproximando a linha temporal dele com a de Ciri, 12 anos depois da festa de noivado de Pavetta. A intenção do bruxo era proteger a princesa, mas oito guardas armados esperavam por ele. Com isso, ele procura a rainha Calanthe e descobre que Pavetta e Duny morreram em um naufrágio. Após se recusar a entregar a garota para Geralt, a rainha prende o bruxo no portão.

Yennefer, por sua vez, também tem sua história aproximada à de Ciri. A feiticeira encontra um acampamento Nilfgaardiano e lá conhece um mago que afirma fazer parte de Aretusa. Ele a convida para voltar, alegando que Tissaia a queria lá pois havia sido a melhor entre todas as alunas.

Eventualmente, a feiticeira descobre que Nilfgaard está atacando Cintra e os feiticeiros e magos estão reunidos para decidir se ajudam ou não o reino. Após o grupo votar por não intervir no confronto, Tissaia conta para Yennefer que mesmo assim vão ajudar Cintra e a convida para ir junto.

Na jornada de Ciri, agora com poucos dias de diferença para as outras duas histórias, vemos a menina ainda buscando por Geralt. Em um local de comércio, a princesa rouba um cavalo e vai até um local isolado, onde é encontrada por antigos conhecidos, que brincavam com ela nas ruas de Cintra. Acreditando que poderia confiar neles, Ciri é surpreendida quando a cercam para roubar seus poucos pertences.

Embora as três histórias se passem envolvendo a queda do reino de Cintra, um dos temas que mais simbolizam as três jornadas é a imprevisibilidade. Tanto Geralt em relação à Calanthe, quanto Yennefer com Tissaia e Ciri com seus conhecidos, foram surpreendidos — no caso da feiticeira, positivamente e, nos outros dois, negativamente. O fato de os três protagonistas esperarem um comportamento e encontrarem outro move o episódio e os liga de uma forma única.

Além disso, temas como as mentiras, a ambição pelo poder, os sentimentos e o casamento, na figura da Lei da Surpresa, são retomados no episódio, reforçando a importância temática de cada episódio.

Em uma análise comparada, é possível traçar um paralelo com a obra “Assassinato no Expresso do Oriente” (CHRISTIE, 2017). Nessa história, acompanhamos um dos mistérios desvendados pelo detetive Hercule Poirot. A bordo do Expresso do Oriente, o famoso investigador fica preso em uma nevasca quando um dos passageiros do trem é assassinado.

Uma das obras mais famosas de Agatha Christie, a narrativa do livro acompanha a investigação de Poirot, questionando os outros passageiros na tentativa de descobrir quem é o assassino. O leitor, assim como o detetive, muda de ideia a todo o tempo sobre a identidade do culpado. Tudo isso para, no fim, chegar à conclusão de que todos os demais passageiros armaram o crime em conjunto.

De fato, a imprevisibilidade é muito presente durante toda a história, que sempre traz uma surpresa diferente a Poirot. Os passageiros do Expresso não agem da forma como se espera ao conhecer eles e isso, por si só, já constitui boa parte do mistério da obra.

Analisando, então, a obra de Agatha Christie sob o ponto de vista de Riter, é possível dizer que o grande trunfo da autora é o mistério como forma de prender a atenção. Considerada a “Rainha do Crime”, ela guia o leitor de maneira que seja quase impossível descobrir a resposta antes de ela revelar. Criando uma competição entre leitor e autor, ela plurissignifica seu texto para criar interações entre todos que o leem, permitindo que sejam explorados caminhos diferentes a depender da interpretação.

A busca pela resposta ativa a vivência imaginativa do leitor, provocando-o a buscar, em seus próprios referentes — e nos de terceiros —, possíveis pistas e dicas para desvendar o mistério. A obra possibilita, além de tudo, o contato com uma linguagem escrita que se mantém atual mesmo tendo sido escrita em 1934.

Assim como ocorre na semelhança com a obra de Agatha Christie, a imprevisibilidade é tema comum a um dos contos de Machado de Assis incluídos neste livro. “Papéis Avulsos” é uma antologia machadiana e, em um de seus primeiros contos, traz o conhecido “O Alienista”.

Acompanhando a história do Dr. Simão Bacamarte, que posteriormente descobrimos estar louco, não conseguimos prever suas atitudes ao passar a prender as pessoas na Casa Verde por suas loucuras. Da mesma forma, somos surpreendidos ao descobrir que o médico não está recebendo nada pelas internações. Por fim, surpreende o leitor novamente ao se internar sozinho para o resto da vida no manicômio.

É assim que podemos traçar o paralelo entre a imprevisibilidade do episódio de *The Witcher* e um dos primeiros contos da obra de Machado de Assis.

**3.8 OITAVO EPISÓDIO: MUITO MAIS**

No último episódio da primeira temporada da série, a sinopse oficial da Netflix é “Inimigos assustadores derrubam Geralt. Yennefer e os outros magos se preparam para a luta. Abalada, Ciri depende da bondade de uma desconhecida”.

As três jornadas acompanhadas ao longo da série finalmente se encontram. Geralt, ao sair da destruída Cintra, se depara com um comerciante retirando corpos da rua. O bruxo alerta para que ele saia dali, pois carniçais poderiam surgir e matá-lo com apenas uma mordida.

Após ficar, aparentemente, sozinho, o bruxo é atacado pelos monstros. Ele consegue derrotá-los, mas acaba sendo mordido por um deles e, por fim, desmaia perto de seu cavalo. Ele então é socorrido pelo mesmo comerciante que salvou e, no caminho até a fazenda dele, sofre alucinações.

Nessas alucinações, é revelado que a mãe de Geralt o abandonou ainda criança em Kaer Morhen, a sede da escola do lobo e fortaleza dos bruxos. Seu objetivo era que as mutações genéticas pudessem ser feitas e o filho se tornasse um bruxo.

Perto da fazenda do comerciante, está localizada a fortaleza de Sodden, onde os feiticeiros e feiticeiras, incluindo Yennefer, desembarcam para lutar contra o exército de Nilfgaard. Prontos para proteger o local, eles montam uma estratégia de defesa mas são surpreendidos pela chegada antecipada dos inimigos.

Então se inicia a batalha, ponto chave do episódio. Após um início promissor, os feiticeiros vão sendo derrotados um por um, restando apenas Yennefer, Vilgefortz e Tissaia.

Nesse momento, a reitora de Aretusa fala para a feiticeira que confia nela e que somente a antiga aluna poderia salvá-los. Após ser estimulada a não controlar mais o Caos, Yennefer solta uma poderosa onda de fogo, incendiando completamente a floresta em que se encontravam. No processo, porém, ela acaba desaparecendo.

Na história de Ciri, acompanhamos como, após ser atacada no episódio anterior, a princesa é resgatada por uma camponesa, que resolve adotá-la. Ao chegar na fazenda, a garota conhece seus novos costumes e seu novo quarto. No dia seguinte, porém, resolve fugir para a floresta.

O marido da camponesa chega em casa, trazendo Geralt com ele na carroça — revelando-se como o comerciante o salvou. Dessa forma, o bruxo e a princesa estão mais perto do que nunca. Ao ouvir que a garota fugiu para a floresta, vai atrás dela, sentindo sua presença e, por fim, encontra Ciri, cumprindo seu destino com a Lei da Surpresa.

 Dessa forma, a primeira temporada da série se encerra. Como é tradicional em adaptações da literatura fantástica, uma grande batalha acontece no final e, para a segunda temporada, diversos pontos ficam abertos. Ao ler os livros, no entanto, é possível descobrir exatamente o que acontece com cada uma das personagens e qual o desfecho de suas histórias.

 Como tema central, é bem marcada a presença do destino: Tissaia acreditando ser o destino de Yennefer defender Sodden, e Geralt encontrar Ciri em função da Lei da Surpresa. Mais do que apenas o futuro e caminho impossíveis de serem mudados, aqui o tema é abordado como aquilo ao qual se estava destinado.

Em uma análise comparada, é possível estabelecer relação com a obra “A Culpa é das Estrelas” (GREEN, 2012) No livro, Augustus Waters e Hazel Grace são dois adolescentes diagnosticados com câncer. Ambos sabem que, inevitavelmente, seu destino é a morte — e encaram isso desde cedo. Ao se conhecerem, desafiam seus diagnósticos e resolvem viver e aproveitar o restante de suas vidas.

Através da fundação *Make-a-Wish*, organização que existe na vida real e realiza os desejos de pacientes terminais, ambos conseguem uma viagem até a Holanda para conhecer o autor favorito de Hazel. De início, os pais da garota são contra a viagem, já que ela precisa usar um tubo de oxigênio e respirador para sobreviver, mas acabam convencidos.

No país europeu, o casal conhece uma nova cultura e aproveita a vida de forma que nunca havia aproveitado antes, sentindo-se livre. No entanto, ao voltarem para os Estados Unidos, a condição clínica de Augustus piora significativamente. Inevitavelmente, ele acaba morrendo poucos dias depois — encontrando seu destino.

Este é um livro que se tornou *best-seller* e também ganhou uma adaptação para o cinema. Muito popular entre os adolescentes na época de seu lançamento, ele se provou ser capaz de manter e captar a atenção do leitor. Por ser uma leitura leve e pouco complexa, apesar de seu final triste, A Culpa é das Estrelas pode ser lido por praticamente qualquer público e faixa etária — e pouco se faz necessário algum conhecimento prévio.

A semelhança com a realidade, aliada à morte de um dos protagonistas, tem a capacidade de provocar novas reflexões no leitor, principalmente sobre a forma como leva sua própria vida. Além disso, o texto também abre espaço para que, por meio de suas experiências, os leitores possam conferir novos significados à obra — permitindo assim a criação das lacunas que Riter afirma serem tão importantes para que se possa agregar valor à história.

Neste episódio, fomos confrontados a como é muito difícil fugir do destino. Em uma comparação com uma obra baseada em uma história real, “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de Carolina Maria de Jesus, também trazemos a perspectiva da vida da autora, que não enxergava caminho positivo em seu destino, apenas a sua rotina difícil como catadora de lixo e metal. Curiosamente, após os eventos descritos no livro e a publicação do mesmo, a vida da autora mudou, podendo inclusive se mudar para um bairro de classe média.

**4 CONCLUSÃO**

Com os resultados alcançados pelo presente estudo, é possível afirmar, sim, que podemos utilizar as séries de televisão para escolher livros a serem apresentados em sala de aula. A grande vantagem de fazer uso desse método é, de fato, uma aproximação maior com os interesses dos alunos.

É importante ressaltar que o presente estudo não busca encontrar apenas um caminho, no caso o uso das séries como ponto de partida ou motivação para a leitura de textos literários, mas mostrar que outras mídias podem servir como inspiração no momento de escolha destes textos a serem apresentados. Como sugestão, inclusive para um futuro trabalho, seria o uso de músicas para guiar essa escolha.

É evidente que as respostas apresentadas aqui se aproximam muito mais de caminhos para se chegar a algum lugar do que, de fato, da solução do problema verificado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Mesmo assim, são respostas capazes de auxiliar professores e pesquisadores do país a melhorarem a formação de e dos leitores literários.

É evidente, também, que essas não são as únicas respostas. É importante lembrar, sempre, que uma aula não pode ser preparada como uma receita de bolo. É necessário observar a realidade da turma e dos alunos para, efetivamente, escolher as melhores obras.

Outro ponto que impacta na decisão é, também, a bagagem do próprio professor como leitor. Ao assistir os episódios de *The Witcher*, ele não necessariamente vai ter as mesmas percepções descritas neste trabalho.

Além disso, ao apresentar a relação dos episódios com as leituras obrigatórias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi possível mostrar uma dificuldade da metodologia trabalhada ao longo do trabalho. Caso a intenção do professor seja trabalhar apenas as leituras obrigatórias, a opção pelos critérios aqui apresentados pode não ser a melhor escolha.

Por isso, é importante ressaltar que as respostas aqui apresentadas não foram feitas para serem seguidas friamente, mas sim para mostrar aos professores e futuros leitores que, sim, é possível aproximar alunos e a literatura por meio das séries de televisão. O ponto chave é, de fato, a disposição do professor.

Os objetivos iniciais do estudo foram, por meio da análise realizada, atingidos. Com os resultados alcançados, foi possível descobrir novas maneiras de escolher os textos literários a serem apresentados em sala de aula, contribuindo para a formação de e dos leitores literários. Assim, através de uma relação criada entre a produção audiovisual *The Witcher* e dezesseis distintas obras literárias, foi possível também quebrar um pouco a barreira entre ambas as áreas. Por fim, também se mostrou ser possível a criação de um novo critério de escolha para as obras, partindo justamente dessa relação com produções em outras mídias.

**REFERÊNCIAS**

ASSIS, Machado de. **Papeis avulsos.** 1. ed. São Paulo: Via Leitura, 2016. 160 p.

AVEYARD, Victoria. **A rainha vermelha.** 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2015. 424 p.

BALLERINI, Franthiesco. **Cinema brasileiro no século 21**: Reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, v. 1, 2012. 386 p.

CHRISTIE, Agatha. **Assassinato no expresso do oriente.** 1. ed. São Paulo: HarperCollins, 2017. 200 p.

CLÜVER, Claus. **INTERMIDIALIDADE**. Pós: Belo Horizonte, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov./2011.

CURADO, Maria Eugênia. Literatura e Cinema:: Adaptação, Tradução, Diálogo, Correspondência ou Transformação?. **Temporis [ação]**, Goiás, v. 1, n. 9, p. 88-102, 09 03 2017. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/5990. Acesso em: 1 Out. 2019.

DELLAIRA, Ava. **Cartas de amor aos mortos**. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2014. 344 p.

DUARTE, M. L.; VIER, S. **Quando ler é criar: princípios para planejar vivências literárias na escola**. Itinerarius Reflectionis, v. 15, n. 4, p. 01-11, 29 fev. 2020.

FEIST, Raymond E. **Mago: Aprendiz.** 1. ed. São Paulo: Arqueiro, 2016. 416 p.

GREEN, John. **A culpa é das estrelas.** 1. ed. São Paulo: Intrínseca, 2012. 288 p.

HANCOCK, Ka. **Dançando sobre cacos de vidro**. 1. ed. São Paulo: Arqueiro, 2013. 336 p.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Disponível em <https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\_edicao\_Retratos\_da\_Leitura\_no\_Brasil\_IPL-compactado.pdf> Acesso em: 24 set. 2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2019. 200 p.

LAJOLO, Marisa. **Literatura. Ontem. Hoje. Amanhã**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2018. 176 p.

LAUB, Michel. **Diário da queda.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 152 p.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1. ed. São Paulo: Rocco, 1998. 88 p.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis.** 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016. 264 p.

MORICONI, Ítalo. **Como e porque ler a Poesia Brasileira do século XX.** 1. ed São Paulo. Objetiva, 2002, 152 p.

PEARSON, Mary E. **The Kiss of Deception**. 1. ed. São Paulo: Darkside, 2016. 416 p.

PRENSKY, Marc. **Digital natives digital immigrants.** Traduzido por SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de. Disponível em <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/fetch/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf> Acesso em 24 set. 2020.

RAJEWSKI, Irina O.. Intermidialidade, Intertextualidade e "Remediação": Uma perspectiva literária sobre a intermidialidade*. In:* DINIZ, Thaïs Flores Nogueira (Org.). **Intermidialidade e Estudos Interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 158 p. cap. 1, p. 15-40

REBELLO, Lúcia Sá. Literatura comparada, tradução e cinema. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, jan-jun 2012. Disponível em:https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33475. Acesso em: 1 Out. 2019.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** 1. ed. São Paulo: Zouk, 2018. 576 p.

RITER, Caio. **A Formação do leitor literário em casa e na escola**. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2009. 103 p.

SANGALETTI, Letícia. História, Cinema e Literatura:: Intermidialidades em O Amor de Pedro por João e O Dia em que Dorival encarou a Guarda. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 20, p. 92-102, jul 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/27971/15901. Acesso em: 1 Out. 2019.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2015. 320 p.

SPOHR, Eduardo. **A batalha do apocalipse.** 67. ed. São Paulo: Verus, 2010. 588 p.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008. 98 p.

VERÍSSIMO. Érico. **O continente - vol. 1.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 416 p.